

SEXUALIDADE E GÊNERO NO PENSAMENTO ILUMINISTA

Leandro Augusto Oliveira de Melo¹

O uso da razão foi proposto pelos filósofos iluministas para responder algumas questões da sociedade; considerado também como um saber supremo acima de afirmações vazias era baseado no empirismo e na argumentação da lógica científica.

Outrossim, eles propuseram que tudo deveria ser criticado e posto em dúvida para que desta maneira pudessem esmiuçar ao máximo o objeto analisado pautado sempre em técnicas racionais.

Desta maneira levantamos a seguinte indagação: houve de fato uma elaboração conceitual que tentasse indagar e responder a problemática da sexualidade e da homossexualidade por parte dos filósofos, ou seja, eles elaboram um conceito do que viria a ser um homossexual?

A tríade(gênero, sexualidade e homossexualidade) passou a ser objeto de investigação de diversos estudiosos da área de humanas. Não só os historiadores mas também sociólogos, psicólogos, psiquiatras, antropólogos e filósofos enveredaram por esse nascente campo de estudo e dessa maneira contribuíram com obras que se tornaram clássicos da historiografia acerca do assunto supracitado.

A história mostra como alguns grupos tentaram - e tentam até hoje – o reconhecimento de direitos na sociedade. A problemática da sexualidade chocou os grupos detentores do poder e demonstrou como é difícil construir as mudanças significativas no contexto patriarcal que impera há séculos pautado em sofismas.

Desta maneira, podemos elencar de uma maneira bem clara quais são os nossos objetivos no desenvolvimento da nossa análise acerca dessa temática sobre os homoafetivos. Objetivamos identificar o tratamento dado à temática sexualidade e homossexualidade e suas relações - nos escritos dos autores do Iluminismo.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe.
Orientando pela Dr.^aProf^a Edna Maria Matos Antônio.

Buscamos compreender a elaboração de categorias relacionadas a sexualidade como conceitos culturais e historicamente constituídos com profundas marcas para a contemporaneidade;

Visamos ainda detalhar os elementos argumentativos que compunham o discurso científico e moral acerca das diferenças sexuais entre homens e mulheres produzido por esses intelectuais;

A metodologia foi baseada na análise de obras acadêmicas que versam sobre o assunto e da leitura de alguns verbetes selecionados que tratam de alguma maneira em suas linhas de algo relativo ao estudo realizado e com o intuito da obtenção do conhecimento teórico sobre o tema e com a problematização à luz dos objetivos da pesquisa.

Publicado pela primeira vez e resultante de trabalho realizado ao longo de mais de vinte anos (1751-1777), os 32 volumes da Enciclopédia incluem 21 volumes de texto com mais de 70.000 artigos sobre assuntos que variam bastante entre meandros que se intercalam e se complementam. A Enciclopédia foi a grande conquista do Iluminismo francês, cujo objetivo, nas palavras de Diderot, era "mudar a maneira comum de pensar" por meio da expansão do conhecimento e o desenvolvimento de modos de pensamento crítico.

A Enciclopédia foi um projeto colaborativo, o trabalho de uma "sociedade de homens de letras", como sua página de título declarado. No momento em que o último volume foi publicado, mais de 140 pessoas contribuíram com artigos para suas páginas.

Dessa forma procuramos desenvolver o nosso artigo com esse arcabouço intelectual e de uma maneira bastante minuciosa identificamos quais verbetes, na Enciclopédia, trataram sobre a temática da sexualidade (homossexualidade). Identificados os verbetes que versavam acerca do tema com clareza, observamos quais os argumentos formulados pelos autores foram utilizados para dar respaldo e veracidade naquilo que eles se propuseram a definir de maneira racionalizada.

A consulta aos verbetes foi possível através do acesso a um site concebido para tornar acessível a professores, estudantes e outros interessados as traduções dos artigos da Enciclopédia editado por Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert, no século XVIII. O material que utilizamos está disponível e acessível no seguinte site <http://quod.lib.umich.edu/d/did/>, um projeto desenvolvido pela University of Michigan Library, que oferece a Enciclopédia em versão digitalizada.

O nosso trabalho de coleta de dados para o artigo foi realizado da seguinte maneira: primeiro selecionamos os verbetes que de alguma maneira descreviam explícita ou

implicitamente algo relacionado a sexualidade, por conseguinte, a questão da homossexualidade. Em seguida fizemos a leitura de todos esses verbetes selecionados com uma tradução prévia, posto que usamos os textos do site em inglês, neste havia uma variedade de verbetes relacionados a diversos temas; por fim, depois da leitura fizemos uma análise da contribuição dos autores dos textos que discutiram acerca da temática sexual, comportamental e moral. Embora essas duas últimas conceituações pareçam distantes do nosso tema de pesquisa elas estão relacionadas com os nossos objetos de pesquisa e essa foi a maneira que pensamos ser mais contundente para efetuarmos o nosso trabalho.

ILUSTRAÇÃO OU ILUMINISMO?

A ilustração ou iluminismo são conceitos sinônimos, sendo o último mais utilizado pelo meio acadêmico e o senso comum. Ambos definem um movimento intelectual que abalou as estruturas conceituais no início do século XVII e no decorrer do século XVIII, uma nova forma de pensar e de analisar tudo que está a sua volta foi imposta por aquele grupo de filósofos que demonstraram e divulgaram uma nova forma de ver o mundo. A compilação e a distribuição desse conhecimento através da Enciclopédia foi o primeiro grande passo para um caminho sem volta, relativo ao avanço da ciência como pautadora dos saberes vindouros.

O impacto foi forte e até os dias atuais é perceptível a herança daqueles pensadores em tudo a nossa volta. Se hoje temos o cuidado de interpretar os fenômenos naturais e abstratos com racionalidade e nos distanciarmos do místico, é porque tivemos quem lá atrás, séculos antes da nossa existência indagou os porquês em tudo que constituía ao redor deles. Assim, com esse espírito questionador é que os filósofos, também nomeados de iluministas vão desestabilizar os alicerces conceituais em voga. Não é à toa que eles atacavam a instituição religiosa mais poderosa do seu tempo, ou seja, a Igreja, detentora e disseminadora dos conhecimentos existentes até então.

O ato de indagar as “verdades” daquela poderosa instituição e dos seus membros era um perigo e a punição se dava com a expulsão do indivíduo; este deixava de ser membro da Igreja. Além disso, quem questionasse o representante de Deus na Terra poderia acabar na fogueira² ou então ser preso. Há relatos na história de vários intelectuais que por diversos

² Também chamada de Santo Ofício, essa instituição era formada pelos tribunais da Igreja Católica que perseguiram, julgavam e puniam pessoas acusadas de se desviar de suas normas de conduta. Ela teve duas versões: a medieval, nos séculos XIII e XIV, e a feroz Inquisição moderna, concentrada em Portugal e Espanha, que durou do século XV ao XIX. Muitos cientistas também foram perseguidos, censurados e até condenados por defenderem idéias contrárias à doutrina cristã. Um dos casos mais conhecidos foi do astrônomo italiano Galileu Galilei, que escapou por pouco da fogueira por afirmar que o planeta Terra girava ao redor do Sol

motivos e situações foram condenados e jogados na fogueira, quando isso não ocorria passavam dias e até anos presos como forma de punição pela ousadia de questionar aqueles que se diziam enviados de Deus a terra para representá-lo.

Os filósofos não só indagavam as atitudes da Igreja como também do Estado, eles anelavam por uma sociedade em que a intervenção estadista fosse nula, queriam um comércio livre e igualitário, mas as mudanças propostas por eles não paravam por aí.

De uma maneira geral podemos elencar as principais críticas do iluminismo, como: Mercantilismo que era caracterizado pela íntima relação entre Estado e economia, podemos mencionar as principais medidas adotadas nesse sistema como intervencionismo, metalismo, balança comercial favorável, protecionismo e colonialismo; Absolutismo Monárquico em que há uma relação umbilical entre a nobreza e a burguesia nascente, isto porque os nobres detinham o poder e a burguesia o dinheiro necessário para a manutenção do modo de vida opulento da aristocracia, e o poder da Igreja e as verdades reveladas pela fé(dogmas).

Com base nos três pontos acima mencionados, podemos afirmar que o Iluminismo defendia: A liberdade econômica, ou seja, sem a intervenção do estado na economia, o Antropocentrismo, ou seja, o avanço da ciência e da razão, o predomínio da burguesia e seus ideais.

Como ideias dos iluministas, a teocracia sai do centro das atenções nesse período e o antropocentrismo ganha espaço nas rodas de discussões intelectuais, se antes a explicação de um governo ligado à Igreja, era aceito e tolerado, agora não mais.

O homem, passa a se pautar na sua capacidade racional, ou seja, o uso da ciência começa a ser basilar para tudo. A metodologia torna-se uma atriz principal no tocante a explicação dos fenômenos naturais e nas invenções humanas.

O comportamento do homem ganha novas explicações e, como já aludimos acima essas buscas e respostas comportamentais só foi possível a partir dessa expansão conceitual.

Não era mais admitida uma explicação meramente superficial das coisas e nem mística. Tudo passou a ser questionado e estudado; verdades universais caíram por terra e novas maneiras de explicar surgiram. Essas mudanças na ótica de mundo e na leitura/interpretação de todo tipo de manifestação foi fruto de um trabalho árduo e bastante pujante dos homens que buscaram novas maneiras de responder tudo que estava em volta

(heliocentrismo). A mesma sorte não teve o cientista italiano Giordano Bruno que foi julgado e condenado a morte pelo tribunal.

deles. O próprio homem passou a ser objeto de estudo, assim ele passa a ser objeto de observação também.

Esse contexto foi tema da historiografia, a seguir elencamos algumas obras que versam acerca do assunto supracitado e fizemos algumas observações que nos pareceram pertinentes.

A obra de Francisco José Calazans Falcon, “Iluminismo” (1986) permitiu obter um conhecimento mais aprofundado do significado da palavra iluminismo e a sua temporalidade, como também a importância no cenário mundial com o advento dos enciclopedistas. O autor observa um maior uso da palavra “iluminismo” em detrimento de “ilustração” que de acordo com ele possuem o mesmo significado com suas devidas peculiaridades. Na verdade, ele ressalta que a palavra ilustração caiu no ostracismo enquanto a palavra e o tema relacionado ao evento do iluminismo continuam atuais por conta da sua capacidade de atemporalidade, ou seja, embora os séculos tenham passado desde o evento supracitado. Ele ainda continua sendo contemporâneo e suscita novas pesquisas, o que faz com haja um revigoramento constante do assunto.

Em “O Iluminismo como negócio” de Robert Darnton (1996), apresenta ao leitor um mundo de comércio baseado na manipulação de uma rede de negócios onde havia um aparato eficiente na comercialização da enciclopédia. O livro desnuda para aqueles que se debruçam na leitura de suas páginas um ambiente totalmente diferente dos apresentados pelos filósofos. Temos de um lado homens que circulavam por ambientes palacianos e elitizados e do outro comerciantes que lutavam para que os livros pudessem ser produzidos e vendidos mesmo a contra gosto do Estado e da Igreja, estes faziam de tudo para que toda obra que fosse crítica as suas atitudes não pudessem chegar ao público e assim utilizam todos os meios possíveis de censura. Além disso havia também a rivalidade entre os comerciantes para ver quem lucrava mais e detinha os melhores produtos(livros) para oferece aos clientes.

A SEXUALIDADE NA HISTORIOGRAFIA

Na obra “As Origens Do Sexo: Uma História Da Primeira Revolução Sexual”(2013) de Faramerz Dabhoiwala, o autor aborda a evolução histórica referente ao modo como o homem vê e pratica o sexo. De acordo com Dabhoiwala o iluminismo foi importante na mudança das atitudes e comportamentos do Ocidente, visto que suas ideologias racionais abalaram estruturas sociais antes vistas como inatingíveis. De modo que a forma como se praticava e entendia as manifestações sexuais também muda no decorrer dos anos posteriores

ao do movimento da ilustração. Há ainda segundo o autor o surgimento de “locais de extravasamento”, ou seja, práticas sexuais vistas como inaceitáveis no dia a dia era permitida nesses locais, assim o meretrício e a homossexualidade eram liberados nesses lugares.

A ideia de que havia um sexo único, ou seja, só uma forma corpórea única em que a mulher é vista como um homem invertido e imperfeito, nos é apresentado no livro de Thomas Laqueur, “Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos até Freud” (1996). Além, disso Laqueur sustenta a tese de que a concepção de sexo, inerente a gênero é produto de uma manipulação política, existindo clara articulação conceitual para satisfazer os grupos dominantes. É notório na obra acima citada como a passividade masculina e a mulher masculinizada foram execrados nas sociedades em todo o decorrer dos anos de civilidade analisados pelo autor, uma vez que o homossexual ativo não sofria a rejeição da sociedade, posto que ele não representava uma ameaça a hierarquia sexual existente, sendo desta maneira mais tolerado, mesmo que essa permissão não fosse oficial, ou seja, explícita e sim observada na maneira como os indivíduos se comportavam tendo conhecimento de tais atos. Assim, podemos dizer que o homossexual ativo e a lésbica passiva não chocavam tanto quanto o seu parceiro passivo e a parceira ativa, respectivamente. Tal permissividade se dava pelo fato de estarem mesmo que superficialmente dentro dos padrões de comportamentos sociais impostos. Ao contrário do homossexual passivo que era visto como anormal e depravado, como também a lésbica ativa, esta apontada como transgressora por querer tomar a posição de macho dominador e provedor do lar.

Em “O desejo e prazer na Idade Moderna”(1995) de Luiz Roberto Monzani temos um panorama da concepção de natureza humana nua e crua a partir da leitura do autor dos textos sadianos e de outros teóricos modernos. Nessa caminhada para mostrar uma natureza passional, contrária à concepção clássica Monzani faz um diálogo com Malebranche, Hobbes e Condillac, o autor mostrará os caminhos de cada um deles na construção da concepção própria das paixões (luxo, prazer, desejo, ódio).

A diferença que há entre libertinos e libertários é discutida na obra de mesmo nome, essa na verdade resultado de textos que foram feitos para o ciclo de conferências “Libertinos Libertários”, coordenado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Funarte, realizado nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Uberlândia e Brasília no decorrer do ano de 1996. O livro irá retratar como se deu esse movimento libertino (um grupo de intelectuais que usavam a profanação para atacar a hipocrisia social, fazendo uso do tema do prazer sexual e de outros como religião, materialismo, natureza, liberdade sexual na maioria de suas obras

para contestar os padrões vigentes através de uma fundamentação filosófica) e seus alvos de críticas constantes era a Igreja, os monarcas e a burguesia.

Os livros do filósofo francês Michel Foucault, intitulados “História da Sexualidade I- a vontade de saber” (1985), “II- o uso dos prazeres” (1984) e “III- o cuidado de si” (1985), essas obras demonstram a evolução e os retrocessos conceituais pujantes na interpretação da sexualidade ao longo dos séculos. O autor demonstra como uma determinada manifestação sexual pode ser vista de modo diferente nas sociedades, é importante não esquecermos as punições sofridas pelos “degenerados” relatados e documentado nos livros de Foucault.

Em seguida lemos a obra das historiadoras Ismênia Tupy e Eni de Mesquita Samara, “História, Documento e Metodologia de Pesquisa” (2007), nesta obra as pesquisadoras abordam os meandros possíveis no ofício de historiar. Elas demonstram o quanto é fundamental o conhecimento teórico e metodológico para aqueles que anelam escrever pautados nas regras acadêmicas e oficiais dos profissionais do campo da história. A experiência das autoras foi fundamental na elaboração dessa obra, já que ambas trabalham com pesquisa documental e possuem anos de atuação profissional nessa área.

O capítulo treze do livro *História e sexualidade*, de autoria de Magali Engel, no livro “Domínios da História” (1997), demonstra a evolução do campo histórico e os novos objetos de pesquisa incorporados a ele. Alguns antes vistos pelos historiadores como insignificantes (o amor, a paixão, o corpo, as emoções, a doença, a loucura) ou pertencentes de outras áreas, a saber antropologia, sociologia, psicologia etc. Segundo Engel estes temas passaram a chamar atenção dos historiadores e surgiram obras magníficas na historiografia com esses novos problemas históricos. De acordo com Engel surgiram novas linhas de pesquisas dentro da história decorrentes do uso desses novos produtos conceituais.

CIÊNCIA E SEXUALIDADE NA ENCICLOPÉDIA

O primeiro verbete que nos chamou atenção sobre a relação com a sexualidade foi o verbete *Educação*³, elaborado pelo autor francês César Chesneau Du Marsais (1676-1756), advogado, filósofo e gramático, nascido na cidade de Marselha e morreu em Paris. Nele, o autor explica que educação é um direito vital para todo cidadão. Ela é a base para qualquer

³ Verboete *Education*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Carolina Armenteros. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2007. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.390/--education?rgn=main;view=fulltext;q1=education>, acessado em 01 de junho de 2015. Tradução nossa.

sociedade que deseja seus integrantes bem instruídos e bons servidores do Estado, assim é primordial o investimento que for preciso na educação, para que depois haja um resultado favorável na formação das gerações que vão se desenvolvendo com uma instrução de qualidade. Tanto o pai quanto o mestre devem estar atentos as aptidões da criança para melhor direcioná-la no seu futuro papel social.

A educação é constituída de objetivos, o autor deste verbete lista para seus leitores os três principais: a saúde e boa constituição do corpo; o que se refere a retidão e a instrução da mente; e as maneiras que é a conduta da vida, e as qualidades sociais.

A educação na visão dele é a base para uma boa formação intelectual desde cedo, desta forma é preciso investir nas crianças para que elas criem o gosto pela busca do conhecimento.

Seu argumento continua esclarecendo que a maior herança que os pais podem deixar para seus filhos é a boa instrução, ou seja, uma ótima educação. Além da educação escolar, os filhos devem possuir uma instrução familiar bem alicerçada, na qual eles possam ter ciência do seu papel de pertencimento no mundo e ainda, o papel social de agentes ativos para a manutenção e melhoramento da sociedade em que vivem.

A educação das crianças deve ser entregue a alguém com uma sanidade mental e física boa, pois sem ambas é impossível trabalhar no ofício de mestre do saber. É também sabido que um corpo saudável é bem mais produtivo do que um corpo sedentário, este mais frágil as doenças.

Esse verbete foi selecionado porque encontramos referência a homossexualidade no trecho que defende que: “A efeminação não é vista com bons olhos na instrução dos filhos, pois ela os deixa fracos diante das adversidades”.

Segundo o autor do verbete, a mente é o principal instrumento do saber humano, sendo assim é preciso cuidar da boa instrução da mesma desde o indivíduo pequeno, é necessário gerar uma docilidade nas crianças que serão futuros cidadãos através dos ensinamentos educativos.

Analizamos também o verbete Família⁴, este é considerado o núcleo social por séculos e é nele que temos nossas primeiras impressões do mundo que nos cerca, a partir daquilo que os nossos familiares nos passam. É verdade que mudamos os nossos conceitos valorativos no

⁴ Verbetes *Family*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by J.E. Blanton. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2005. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.443/-family?rgn=main;view=fulltext;q1=family>, acessado em 01 de junho de 2015. Tradução nossa.

decorrer de nossas vidas, entretanto, algumas formas de vermos tudo que está em nossa volta tem um resquício familiar no modo como interpretamos alguns comportamentos.

O autor, francês, Louis Jaucourt, um médico que nasceu na cidade de Paris em 1704 e morreu em 1780 na cidade de Compiègne, discorre em seu texto sobre a família e a importância dessa instituição basilar da sociedade e suas principais características.

A oficialização do casal na cerimônia do casamento é necessária para ser vista como algo sério e aceito pelo grupo familiar dos indivíduos envolvidos. Essa pressão para que ocorra um momento no qual ambas as partes de livre e espontânea vontade selem o seu compromisso é fruto de uma sociedade que preza por uma tradição que perpassava os séculos desde a notícia da vida humana em comunidade. De acordo com o autor, é considerado família o grupo familiar coligido por um homem, uma mulher e filhos, estes frutos dos membros antes citados.

Percebe-se, em seu discurso, uma valorização do conceito de família e dos seus membros e notamos que o autor chega a declarar que a base nacional é o conglomerado de famílias, bastante apropriado ao processo de construção conceitual e simbólica de nação do século XVIII, e que a Revolução Francesa é a origem. É nelas de acordo com Louis Jaucourt que se perpetua a humanidade, visto que é decorrente do nascimento de novos membros dessas famílias que surgem as novas gerações.

O laço de sangue que unem esses indivíduos faz com que haja um equilíbrio entre eles quando é necessário para a sobrevivência deles. Por exemplo, no caso da morte do pai tanto a mulher como os seus filhos não ficaram desamparados, já que eles podem contar com seus parentes. E até mesmo já os filhos mais velhos podem dar um suporte para sua mãe e irmãos menores.

A instituição do casamento não é algo fácil de desfazer, de acordo com autor. Ele cita um exemplo extremo para que ocorra a dissolução do matrimônio que é o desterro. Além do mais, a família era vista como uma propriedade e para o marido passar adiante esse bem deveria ter um filho varão, para este não só o sobrenome seria herdado como também a perpetuação do seu clã. E o dever de procriar e dar continuidade a linhagem familiar. Mais uma vez o status patriarcal é demarcado nessa necessidade de um membro masculino para a continuidade da linhagem.

Foi útil também a leitura do verbete denominado *Homem*⁵. O autor dele foi um dos mais famosos filósofos e contribuinte da enciclopédia. Denis Diderot(1713-1784), nasceu na cidade de Langres e morreu em Paris.

No decorrer da sua análise sobre o tema ele faz algumas afirmações e nos fornece um panorama do que vem a ser o animal chamado *homem*. Tendo ciência de que o homem é um animal como os demais, no entanto, o que o difere é a capacidade de raciocinar e deixar para as gerações futuras uma acumulação intelectual, o autor deste verbete aludiu em suas primeiras linhas as características distintivas entre o homem e os demais animais.

As manifestações culturais são sem sombra de dúvida, o que mais diferencia o ser humano dos animais, pois são nelas que percebemos o quanto somos mutáveis e adaptáveis conforme as necessidades que vão surgindo. Dessa maneira, Diderot descreveu para exemplificar isso ao tratar da virgindade, pois se para alguns povos ela era tão fundamental e honrosa, em outros a existência daquela nas mulheres não servia como um bom sinal, sendo vista até como algo ruim e relegado a terceiros antes do casamento. De qualquer maneira, o que o idealizador da Enciclopédia quis mostrar em sua exemplificação foi o peso do fator cultural do homem para realização da compreensão do mundo em sua volta.

Outro marcador da essência cultural do homem é a importância que se dava ao casamento e a fase na qual era consentida a união de um homem com uma mulher para que juntos pudessem formar uma nova família e o fruto desse matrimônio fosse os filhos, mas nem todos aqueles que casavam tinham a dádiva de procriar, o que implicava num problema para o casal já que não estavam contribuindo para o crescimento da espécie, visto que o motivo principal da união entre os indivíduos de sexos opostos tinha esse primordial intuito. A união oficial, ou seja, o casamento aceito pela Igreja só era permitido uma vez, salvo algumas exceções, como, por exemplo, no caso de viuvez. Fora esta situação só podia o homem casar-se uma vez e com uma mulher, já que havia um número equilibrado de homens e mulheres segundo aquele que escreveu este verbete.

O desenvolvimento do corpo tanto do homem como o da mulher para que possam gerar um outro ser através do casamento no ato sexual começa na fase da puberdade, mas a

⁵Verbetes *Man*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Timothy L. Wilkerson. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2004. Web. Disponível em http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.247/--man?rgn=main;view=fulltext;q1=Denis+Diderot#idno_did2222.0000.247, acessado em 02 de junho de 2015.Tradução nossa.

maturidade dessa fase não é igual em ambos os sexos e termina de acordo com Diderot nos vinte anos nas mulheres e nos homens dois ou três anos depois.

Os animais já nascem com capacidades laborais instintivas, entretanto, o homem pela sua maior complexidade e o uso da racionalidade para desempenhar as suas funções como também a maneira como vive em uma sociedade totalmente diversificada de atividades laborativas que requer um conhecimento específico para a execução de variadas atividades fica difícil e impossível de possuir o conhecimento de cada uma dessas atividades que compõem o leque de profissões existentes, mesmo que ele quisesse tê-lo isso demandaria a sua vida inteira sem a conclusão dessa tarefa árdua de saber manejar todos os ofícios existentes.

Na elaboração do verbete relacionado ao homem Denis Diderot poderia ter ficado preso só a questão anatômica e como se dá a composição corporal do mesmo, todavia ele foi além ao discorrer as características culturais das quais se tinha conhecimento até então, assim notamos a importância que se dava ao casamento já na fase da puberdade com o intuito de uma ótima procriação e perpetuação da espécie humana.

Diderot também era ciente dos instintos animais que todo o ser pensante carrega, posto que este é um animal como todos os demais existentes. Tendo algo que o torna ímpar, isto é, a capacidade de raciocinar e planejar de maneira mais metódica os seus atos, ao contrário dos demais animais que agem por impulso. O brilhantismo intelectual do autor fica mais evidente ainda quando ele traz à tona as diferenças culturais, estas também tão fortes para nos distinguir dos animais, posto que nossas interpretações são ligadas a nossa cultura e isso fica evidente em nossa maneira de pensar e agir.

O autor do verbete *Lésbica*⁶ é desconhecido e as informações contidas em três linhas são superficiais e ínfimas, só reproduz um ponto de vista, no qual o ato do lesbianismo é um “Tipo de depravação estranho tão inexplicável como a que inflama um homem por outro homem”. Nada mais além dessa definição parca encontramos nesse verbete. Porém, ele indica que o desejo homossexual entre homens seria um tipo de depravação inexplicável. Ao falar da relação entre mulheres ele indica seu entendimento sobre a relação entre os homens.

Essa possível omissão de descrição pode ser explicada pelo fato da censura que havia naquela época em que se elaborou a Enciclopédia.

⁶ Verboete *Lesbian*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Bryant T. Ragan, Jr.. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2003. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.036/--lesbian?rgn=main;view=fulltext;q1=lesbian>, acessado em 02 de junho de 2015. Tradução nossa

A forma das paixões e suas manifestações são avassaladoras, isto fica nítido na introdução do verbete *Paixões*⁷ elaborado também por Denis Diderot. Ele nos mostra na definição como esses comportamentos influenciados pelo ardor de uma passividade irracional da alma é perigoso face ao estado débil em que o homem se encontra naquele momento. O autor deixa claro o quão maléfico esses sentimentos podem ser em uma pessoa que age por paixões, uma vez que ela deixará de lado os princípios da coletividade e visará tão somente a nutrição dos seus desejos. Estes, na maioria das vezes, perniciosos para o indivíduo que se deixa levar por eles.

Segundo Diderot, é interessante notarmos como as paixões também podem proporcionar aos indivíduos sensações dispares, dando a eles sensações de prazer como também de dor, no entanto, é visto com maus olhos pelos demais que os observam. Para aqueles que estão no papel de meros espectadores é difícil de compreender como uma pessoa antes equilibrada e cumpridora dos padrões vigentes muda de maneira tão radical ao ponto de figurar em situações tidas como vexaminosas por causa de sentimentos tão efêmeros, mas arrebatadores. O objeto das paixões pode ser um grande bem ou o inverso, pois nesse sentido ele passa a ser o centro das atenções da pessoa. Se esse objeto causar um sentimento prazeroso para aquele que o sente é certo que será visto como algo benéfico, entretanto, se o objeto anelado trazer mais dor certamente não será visto com bons olhos, essa percepção de que um sentimento é ruim pode demorar um pouco para ser aceita por aqueles que o vivenciam num estado de paixão intenso.

As sensações boas ou ruins são algo inerente do homem, uma vez que elas afetam diretamente em maior ou menor grau as nossas inclinações pessoais. O autor cita a existência de dois meandros principais das sensações de um lado temos os prazerosos e do outro os dolorosos.

De acordo ainda com Diderot aquela alegria que sentimos com coisas simples e situações tão corriqueiras são decorrentes da sensação do prazer sem explicação, ou seja, sem um motivo forte para ser dito como causador do mesmo. É assim quando nos deparamos com uma leve brisa, uma bela paisagem, uma melodia suave etc. Ora, momentos tão comuns que

⁷ Verbetes *Passions*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Timothy L. Wilkerson. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2004. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.248/--passions?rgn=main;view=fulltext;q1=passions>, acessado em 03 de junho de 2015. Tradução nossa.

não deveriam despertar em nós um sentimento de prazer e pertencimento de mundo tão profundo.

Vejamos tão agradável é o cheiro do orvalho e de uma flor desabrochando. Objetos tão ínfimos, mas capazes de proporcionar um momento maravilhoso e ímpar. Aí, encontramos a doçura ou amargura das sensações, listamos anteriormente as doçuras, agora vejamos algumas amarguras tão incômodas para quem as sente, de modo que uma melodia é agradável, não podemos dizer o mesmo de barulhos insuportáveis, uma paisagem pode enobrecer uma alma como também deixá-la em estado de choque e pânico, uma cidade arrasada não é um bom colírio aos olhos, uma brisa num dia de calor é uma dádiva da natureza, não podemos dizer o mesmo de um tornado ou furacão que deixam um caminho de destruição e é certo que aquelas pessoas que vivenciaram uma situação de tormenta como essa não recordará com anelo por essas manifestações naturais tão desagradáveis. Esses objetos trouxeram sensações boas e ruins e o conhecimento prévio do potencial sensitivo que esses objetos citados oferecem já antecipam no homem de certo um sentimento agradável ou o inverso dele.

O exercício moderado das faculdades mentais é mencionado nos prazeres da mente ou da imaginação. É ali, na mente que notamos o seu papel vital para a execução da racionalidade. Ora é nela que se efetua o desenrolar dos nossos sentidos mais primitivos e também adquiridos no âmbito cultural em que estamos inseridos. A imaginação podemos dizer que é algo mais cultural do que natural, uma vez que é nela que o homem desprovido do conhecimento de certos fenômenos e objetos fantasia, ou melhor, imagina respostas aceitáveis aos padrões que lhes parece conveniente. Assim, é nesse campo imaginativo que nasce também os preconceitos tão marcantes em todos os agrupamentos humanos. O uso dessa faculdade mental permite ao homem manipular e impor ao seu bel prazer padrões sociais e culturais, um grupo se apropria deste discurso e implanta no seio social para os demais as paixões que melhor lhe convêm.

A moralidade é travestida de uma paixão coletiva boa e imutável por aqueles que a mantem. É sabido que o conceito de coisas e situações vistas como morais ou amorais sofrem modificações no decorrer das transformações sociais, visto que posturas de conduta e padrões de comportamentos são mutáveis em todas as sociedades. Por vezes, alguns padrões renitentes e ultrapassados para as gerações novas demoram para sofrerem modificações ou mesmo desaparecerem caindo no ostracismo por causa de grupos conservadores.

A terceira ordem dos prazeres e das dores é proveniente do coração, lugar de tantas inclinações ou paixões diferentes segundo Diderot. É ali que habita as nossas perfeições ou imperfeições, vícios ou virtudes de acordo com o enciclopedista. Não é à toa que muitos dizem que é um perigo se deixar levar pelo coração, parece que este leva o homem mais para o caminho da imperfeição e vícios do que o da retidão e estado de equilíbrio. Os vícios são a causa da queda de muitos homens de bem, aqueles pertencentes ao círculo dos abastados e é neles (os vícios) que percebemos mais uma vez um discurso normativo, aonde aqueles que são fracos se entregam a toda sorte de imperfeição por causa da fraqueza do coração.

Percebemos no decorrer da descrição do que vem a ser paixões como há uma carga social imposta nesses sentimentos. Vimos que existe de um lado os prazeres e do outro as dores, muitas das vezes essas dores são causadas não pelo ato em si, mas pelo julgamento dos outros sobre tal ato, isto é, o indivíduo que protagoniza uma situação vista como errônea e é punido por isso, podemos citar o ato da sodomia e da masturbação tidas antes como sentimento e atitude abominável. Aqueles que se envolviam em tais situações os faziam para saciar os seus desejos, entretanto, quando descobertos eles certamente preferiam nunca ter tido praticado os atos vistos como ruins pelo meio social no qual viviam, e desta maneira eles sentiam enorme tristeza, alguns desejavam até a morte para não passarem por aquela situação de desonra diante dos seus parentes e conhecidos.

Na introdução do verbete sobre a *Virgindade*⁸ o autor Louis Jaucourt, este também autor do verbete família já mencionado nas linhas anteriores, um médico que nasceu na cidade de Paris em 1704 e morreu em 1780 na cidade de Compiègne, deixa bem claro que a ideia da mulher virgem era na verdade mais uma criação cultural do que natural, inclusive ele chama de abstração moral, ou seja, um status de valor posto sobre as mulheres que eram tidas como puras e que nunca tinham se deitado com um homem.

Na tentativa de manter as mulheres solteiras dentro dos padrões e os homens longes das donzelas se estabeleceu variadas formas de preservação da virgindade de diversas maneiras nos mais distintos povos. O estabelecimento de costumes cerimoniais, superstições e até mesmo julgamentos e punições para aqueles e aquelas que tentavam burlar as leis.

⁸ Verbetes *Virgindade*. The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Mary McAlpin. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2003. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.034/--virginity?rgn=main;view=fulltext;q1=virginity>, acessado em 04 de junho de 2015. Tradução nossa.

Notemos como havia uma hierarquia de condutas a ser seguidas tanto pelos homens como pelas mulheres, uma vez que a jovem deflorada antes do casamento dificilmente arranjaría um homem que quisesse casar com ela, face a imposição do peso social para que os homens só aceitassem levar ao altar moças puras e castas.

É sabido que havia uma permissividade no tocante a vida sexual do homem antes do casamento até para que ele chegasse dotado de conhecimentos sexuais para auxiliar sua futura esposa, no entanto essa liberdade era impensada em relação as mulheres, estas deveriam se casar sem nenhuma noção de vida sexual ativa pelos motivos supracitados.

É evidente que em uma época em que ainda não havia um avanço da Medicina e da Ciência tão grande os mitos e fábulas servissem para explicar os fenômenos naturais. Era difícil desfazer os preconceitos sobre os assuntos pois a maioria da população ainda estava adormecida numa ideia de mundo envolto no sobrenatural. Desfazer paradigmas era uma tarefa muito árdua e que demandava muito tempo para a aceitação de tais propostas.

A anatomia nos revela, segundo Jaucourt, que não havia um consenso nos sinais naturais que são descritos como marcadores da virgindade tais como o hímen, as carúnculas perfurantes e o sangramento. De acordo com o autor deste verbete o imaginário é predominante nas manifestações anatômicas relacionadas a esse assunto. Afirmações quanto a existência destes sinais só aumentava as incertezas.

Em sociedades bárbaras e selvagens, adjetivos estes empregados por Jaucourt para nomear as nações não europeias a seguridade da castidade das meninas é realizada por ritos que demarcam essa situação das mulheres.

As transformações que o corpo do homem e da mulher sofrem no período da puberdade interferem e muito nos sinais de suas virgindades, uma vez que o corpo passa por transformações rápidas num curto espaço de tempo.

Os padrões culturais se modificam de região para região e é surpreendente saber que havia lugares em que as mulheres defloradas antes do casamento eram mais valorizadas do que aqueles que nunca tinham sido tocada por um homem. A superstição é um fator determinante nessa leitura de mundo tão diversa da padronizada citada nas linhas anteriores.

De fato, é muito inquietante e surreal percebemos como as significações são tão mutáveis no decorrer dos séculos.

Sobre o verbete *Sodomia*⁹, o autor Antoine-Gaspard Boucher d'Argis (1708-1791), que era um advogado esclarece que: “A palavra sodomia deriva de Sodoma, cidade onde tal prática era corriqueira, esta sofreu a ira de Deus e foi destruída por causa de tais manifestações”. Assim, é iniciada a explicação sobre o verbete sodomia mais adiante temos as punições para aqueles que praticam tal ato.

O autor elenca uma série de indivíduos que são passíveis de repressões severas, temos então as mulheres, os eclesiásticos, os monges, os menores, contudo é necessário ter um pouco de benevolência com os menores na fase de puberdade segundo Menochius e outros autores. Certamente, ele aludiu ao período da puberdade em que os menores passavam por transformações corporais enormes.

Os eclesiásticos quando acusados do ato de sodomia deveriam sofrer punições mais severas, visto que eles eram os representantes do equilíbrio e comunhão com Cristo e como tais deveriam servir de exemplo, desta maneira até mesmo a menor suspeita de que um monge ou cura estavam praticando a sodomia já era motivo para serem afastados de seus postos e passarem pelas averiguações cabíveis da época. Ora, o enfoque do filósofo quanto a punição dos representantes da Igreja nos leva a crer que havia uma omissão ou mesmo atenuação para os praticantes da sodomia que pertenciam a Igreja.

Lascívia era a adjetivação que os cânones davam para sodomia como também mollitude, enquanto os romanos classificavam como masturbação o ato de fazer um mal contra si mesmo. Aqueles que eram pegos em tal situação prestavam serviços públicos ou acabava banido, isso de acordo com o grau da infração. Não só aqueles que praticavam a masturbação eram punidos como também os indivíduos que ensinavam, quando pegos acabavam sofrendo humilhações públicas, sendo marcados com dizeres que indicavam o seu delito.

Já no verbete sobre a *Lei natural*¹⁰, Argis mencionará uma série de modos de condutas morais e religiosas que deveriam ser seguida, posto que ela é essencialmente advinda de Deus

⁹ Verbetes *Sodomy*. The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Bryant T. Ragan, Jr.. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2003. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.037/--sodomy?rgn=main;view=fulltext;q1=SODOMY>, acessado em 04 de junho de 2015. Tradução nossa.

¹⁰ Verbetes *Law of Nature or Natural Law*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Susan Rosa. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2002. Web. Disponível em

e serviria de bússola para quem quisesse viver pautado num estilo de vida racional, mas sobretudo com a benção do Pai eterno, o autor vai além ao dizer que essas leis são imutáveis.

A figura mítica do andrógino¹¹ é retratada por Denis Diderot, filósofo e homem das Letras, um dos principais mentores da enciclopédia. Ele descreve o andrógino como um ser agregador do sexo masculino e feminino em um mesmo corpo, isso dava aquela criatura uma força e ousadia que incomodava aos Deuses. Então, ao invés de destruí-lo as Divindades resolveram enfraquecer a criatura separando seu corpo em dois, um lado feminino e o outro masculino, e assim, para se completar as partes do andrógino deveriam se reencontrar. Diderot explicita que essa alusão pode muito bem ser vista como uma versão emprestada do Velho Testamento. Ali, Moisés narra a criação do homem e da mulher, esta como sendo um complemento daquele.

A descrição do falo é bem superficial no verbete sobre o *Pênis*¹², em que temos informações anatômicas bem objetivas deste órgão sexual masculino de maneira bem generalizada. O seu autor Pierre Tarin (1725-1761), um anatomista francês, foi quem elaborou a definição do pênis, dando a sua contribuição na parte de anatomia para Enciclopédia.

CONCLUSÃO

Os verbetes produzidos pelos filósofos iluministas são bastante díspares, até por que há uma imensidão de temas estudados e de variados campos do saber humano compilados nos volumes publicados. Temos na obra publicada no século XVIII uma gama de conceitos

<http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.021/--law-of-nature-or-natural-law?rgn=main;view=fulltext;q1=law+of+nature>, acessado em 05 de junho de 2015. Tradução nossa.

¹¹ Verboete *Androgynes*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Naomi J. Andrews. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2003. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.180/--androgynes?rgn=main;view=fulltext;q1=androgynes>, acessado em 06 de junho de 2015. Tradução nossa.

¹² Verboete *Erectors of the Penis or Ischiocavernous*. In: The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation Project. Translated by Jeremy Caradonna. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2006. Web. Disponível em <http://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.637/--erectors-of-the-penis-or-ischiocavernous?rgn=main;view=fulltext;q1=penis>, acessado em 05 de junho de 2015. Tradução nossa.

que vai desde a definição do homem até o conceito de luxo. Assim, podemos dizer que no projeto idealizado por Denis Diderot e os seus colegas filósofos e intelectuais encontramos definições de objetos concretos e abstratos.

Os meandros que os filósofos iluministas percorreram foram bastante diferentes, há quem pense que havia um consenso conceitual entre aqueles Homens das Letras, todavia é sabido que na verdade o que mais existia era divergência no meio daqueles colaboradores da Enciclopédia. Um projeto comum havia que fazia com que aqueles homens deixassem as suas diferenças de lado e se chamava Enciclopédia.

A tarefa de elaborar e coligir todo o conhecimento humano vigente reunia aqueles homens do saber em torno de um só ideal, ou seja, a publicação de uma obra que tivesse todo o saber humano até então enumerado de A a Z. Sabemos que foi uma empreitada árdua e que demorou anos para ser concluído, entretanto o resultado foi impactante.

Reconhecendo o valor cultural e histórico desta obra e do movimento filosófico que ela expressa, fizemos primeiramente a leitura de obras que versam sobre a temática da sexualidade e da homossexualidade como também de gênero que está relacionado ao tema.

Lendo essas obras podemos notar o quanto o sentido de gênero, sexualidade e homossexualidade estão ligados, uma vez que essa tríade é um produto comum da sociedade, ou seja, todas essas conceituações, na verdade são criações humanas passíveis de serem redefinidas. Essas nomenclaturas se adequam ao meio social de acordo com os interesses dos grupos vigentes. Sabemos que vivemos numa sociedade patriarcal e desta maneira vivemos num meio hierarquizado.

Naquela sociedade, cada indivíduo possuía um lugar determinado e não era inaceitável tentar questionar ou mesmo remodelar tal hierarquia. Mas, isso não impediu que os grupos marginalizados tentassem mudar tal configuração social e os homossexuais faziam parte desta parcela dos excluídos.

Na leitura do verbete Sodomia e Lésbica fica claro que para os seus autores essas manifestações sexuais devem ser reprimidas, face ao perigo que representam na modificação da pirâmide patriarcal. Nesta, o homem deve ser viril e reprodutor da sua espécie como também ativo em todos os seus papéis sociais, acreditamos que por isso mesmo, que inconscientemente aqueles que ficaram incumbidos de discorrer acerca daqueles verbetes reiteraram um ponto de vista já preconcebido pela maioria que os cercavam.

Quando os Enciclopedistas fazem menção a uma dessas palavras é com muito cuidado e sem um aprofundamento significativo, tal conduta é compreensível já que eles foram pioneiros na tentativa de fazerem uma análise pautada na racionalidade da época.

Já nos verbetes relacionados à família, ao homem, a virgindade, casamento notamos que há definições baseadas em contextos culturais e além disso, cheios de normas de conduta a serem seguidas. Algumas vezes até percebemos por parte dos autores desses verbetes a intenção de conceituarem de uma forma mais naturalista. Usando conhecimentos anatômicos em detrimento de formulações padronizadas meramente ética, entretanto, no final percebemos que eles acabam ratificando aquilo que já sabemos em relação ao trato dado a questão da abordagem desses indivíduos marginalizados.

A moral cristã influenciou os autores da Enciclopédia, mesmo aqueles que se diziam ateus não estavam imunes dessa marca cultural, com base nessa afirmação concluímos que foram esses elementos cristãos que nortearam alguns daqueles que se dispuseram a elaborar os verbetes, ainda que alguns não quisessem ter aquela interferência cultural na hora da elaboração do verbete isso era inevitável, posto que algo inerente do homem enquanto um produto social não é fácil de desvencilhasse.

Resumo

O artigo intitulado *Sexualidade e Gênero no pensamento Iluminista* tem, entre outros objetivos, desenvolver uma investigação relacionada à discussão da construção de conceitos de sexualidade e homossexualidade no pensamento da ilustração do século XVIII. Parte da premissa de que foi nesse contexto que se elaborou conceitualmente uma divisão entre os sexos e importantes concepções sobre sexualidade fundamentadas num discurso científico de racionalidade, analisando assim a atenção dispensada por eles no tocante ao assunto de gênero e sexualidade. Utilizamos alguns verbetes como nossa fonte de estudo e trabalhamos na análise dos mesmos, para percebermos qual elemento cultural foi usado na elaboração deles e concluímos que houve de fato o uso da racionalidade para explicar os mesmos.

Abstract

The article entitled *Sexuality and Gender in Enlightenment thinking* has, among other objectives, to develop a research related to the discussion of the construction of sexuality and homosexuality concepts in the thinking of the eighteenth century illustration. Part of the premise that it was in this context that produced conceptually a division between the sexes and important conceptions of sexuality grounded in scientific discourse of rationality, thus analyzing the attention given by them with regard to the subject of gender and sexuality. We

use certain entries as our source of study and work in the analysis of the same, to realize that cultural element was used in the preparation of them and concluded that there was in fact the use of rationality to explain them.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes:

Denis Diderot; Jean Le Rond D'Alembert, *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* / par une société de gens de lettres; mis en ordre et publié par M. [Denis] Diderot,... et quant à la partie mathématique, par M. [Jean Le Rond] d'Alembert..., Paris: Briasson: David: Le Breton; Neuchâtel: S. Faulche, 1751-1765, disponível em: <http://quod.lib.umich.edu/d/did/>

Obras:

ARIÈS, Philippe e DUBY, George (dir.) **História da Vida Privada**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. V. 3

DARNTON, Robert. **O Iluminismo como negócio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DABHOIWALA, Faramerz. **As origens do sexo**: uma história da primeira revolução sexual. RJ: Editora Globo, 2013.

DARNTON, Robert. Pornografia filosófica. IN: **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DARNTON, Robert. **Os filósofos podam a árvore do conhecimento: A estratégia epistemológica da encyclopédie**. In: O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa/ Robert Darnton; tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 2ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

FALCON, Francisco José Calazans. **Iluminismo**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HAZARD, Paul. **O Pensamento Europeu no século XVIII**. Vol. II. Trad. Carlos Grifo Babo. Lisboa: Editorial Presença e Livraria Martins Fontes, sd.

KARNAL, Leandro; Tatsch, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

LAQUER, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MONZANI, Luiz Roberto. **Desejo e Prazer na Idade Moderna**. Campinas: EdUNICAMP, 1995.

NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHNEEWIND, J.B. **A Invenção da Autonomia**: Uma história da filosofia moral moderna. Trad. Magda França Lopes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das luzes**. São Paulo, SP: Barcarolla, 2008.